I

Senhor Cossa é um funcionário público do Ministério da Agricultura. Em outros tempos já tinha sido director Nacional. Mas nesses tempos, diferentemente do que ele vê actualmente, o director nacional não era director para ser servido e encher a bolsa e o bolso. Nos tempos em que o senhor Cossa era director, os ideais eram outros, os dirigentes tinham como objectivo servir da melhor maneira ao povo. A satisfação do povo era a maior realização do dirigente.

O Sr. Cossa era responsável por controlar e garantir a existência das machambas do povo, o que fazia com muito gosto e por amor a pátria. Não vendia sementes aos camponeses, distribuía-as gratuitamente, não cobrava taxas pelos sistemas de irrigação, organizava os camponeses para abrirem furos e irrigarem os campos.

Nunca o Sr. Cossa se apoderou das terras dos camponeses para fazer moradias para si, ou para atribuir a algum familiar ou amigo. Ele era honesto e preocupado com o bem-estar da colectividade.

Mas de repente as coisas mudaram. Começaram a dizer que o seu país era pobre, pobre até para produzir ideias. Que para sobreviver o seu país precisa de donativos, e que deve também exportar as ideias, de preferência do mesmo lugar donde provêm os donativos.

O Sr. Cossa não conseguia se enquadrar neste nova forma de pensar, por isso foi retirado do cargo de director nacional. Um director nacional agora, tem que ter a capacidade de chora-

mingar o suficiente para conseguir donativos e fazer uma figura suficientemente triste, de quem acredita que não é capaz de produzir ideias e precisa da ajuda dos doadores.

Actualmente, o Sr. Cossa é arquivista da biblioteca do Ministério, composta por milhares de livros sobre a revolução socialistas, jornais velhos, e alguns outros tantos livros escritos numa língua que ninguém entende.

II

Basílio cresceu numa aldeia do interior da província de Maputo e foi a cidade de Maputo estudar. Frequentou a escola primária, secundária e licenciou - se em engenharia electrotécnica, tudo as custas do seu pai agricultor. Com a venda do produto da sua machamba, o pai de Basílio comprava o material escolar e algumas roupas de 2ª (e por vezes de 3ª) mão.

Basílio era extremamente ambicioso e não se contentava em usar roupas que os outros já tinham usado. E era isso que lhe dava forças para prosseguir os estudos, a sua enorme ambição por mudar de vida. Ele envergonhava-se das suas origens e evitava, o máximo que podia, falar dos seus pais.

A mãe de Basílio falecera no dia em que ele nasceu, e por isso foi criado pelo pai e por uma tia paterna, que dividia o leite do seu peito entre Basílio e o seu próprio filho.

Tanto Basílio se envergonhava da sua origem que nem no dia da sua graduação chamou o pai para a cerimónia.

Tanta era a sua ambição que, depois de se formar, infiltrou-se num grupo de elite, lambeu milhares de botas, puxou cente-

nas de sacos, até que finalmente conseguiu um cargo de chefia e liderança que exigia dele a única coisa que fazia com perfeição: bajulação, puxa saquismo e lambe botismo sem limites. Todos os requisitos necessários para conseguir donativos e "ideias novas".

Basílio agora é director nacional no ministério da agricultura, e a primeira providencia que tomou, logo após a tomada de posse, foi demitir a equipa que trabalhava com o director anterior.

É que todos eles estavam viciados, tinham a mania do trabalho. Trabalhavam de mais e curvavam-se, em vénias, de menos.

Para garantir a longevidade do seu poderio, casou com a secretária permanente do ministério. Uma senhora nascida e crescida na grande capital, vinte anos antes de ele ver a luz do sol pela primeira vez.

Com esta ascensão, Basílio apoderou-se das terras dos camponeses, sob pretexto de que "havia que privatizar a terra para garantir a sua maior rentabilização" e os camponeses que conseguiram manter as suas terras deviam pagar taxas para a sua irrigação. Requisitou uma consultoria dos países baixos para estudar a viabilidade da abertura de furos de água e canais de irrigação. O consultor concluiu não existir qualquer inviabilidade. Basílio conseguiu donativos da terra do consultor, no valor de muitos milhares de dólares, dos quais metade foi para pagar a consultoria, e 75% da outra metade que ficou serviu para rechear a conta do director nacional. Com o que restou, contratou uma empresa sedeada no país doador que por sua vez subcontratou uma empresa chinesa para abertura dos furos e canais de irrigação.

III

José é filho do Sr. Cossa. Jovem como muitos jovens na cidade de Maputo, acaba de concluir a 12ª classe. O seu sonho é ser artista plástico reconhecido, pelo que passa horas a fio a pintar quadros. Entretanto, como os caminhos para conseguir atingir o seu sonho pareciam escuros e sinuosos, e de todas as vezes que conseguira vender as suas obras, tinha sido por valores insignificantes, José decidiu iniciar a dura batalha para encontrar um emprego.

Todas as vagas que apareciam eram para jovens com formação profissional, ou vinham com a exigência de 5 anos de experiência comprovada. "Onde vamos conseguir 5 anos de experiência se logo que saímos da escola já querem que sejamos experientes? Por onde devemos começar então?"- pensava José desesperado. Para piorar as coisas, ultimamente começou a aparecer uma nota no fim dos anúncios "o conhecimento das línguas inglesa e francesa é uma vantagem". Dizem que é a globalização. " Mas se é para trabalhar em Moçambique não seria mais lógico aparecer que o conhecimentos de, pelo menos, duas línguas locais constitue vantagem?"

– pensava José, cada vez mais revoltado.

IV

Joana era a única filha de Basílio, e o pai deu graças a Deus no dia em que ela nasceu mulher. Não teria que pagar com os seus bens quando ela se decidisse a casar, e, melhor ainda, haveria de aumentar os seus rendimentos quando tal acontecesse, e

um homem rico viesse pedir a sua linda filha em casamento.

Joana idolatrava o pai, até que teve idade suficiente para entender-lhe a arrogância e a falta de escrúpulos. A partir de então o seu único refúgio era a sua mãe que sempre tentava "colocar panos quentes nos" constantes conflitos entre ambos.

Do génio do pai apenas herdou a determinação. Era dócil, amável, respeitosa, e tratava a todos por igual, desde os seus empregados (que quase atingiam a dúzia devido a mania de grandeza do pai), até ao superior hierárquico do pai, a quem este não se cansava de venerar.

Em contraste com a mania de grandeza de Basílio, este nunca pôs a filha a estudar em colégios privados, alegando que "ela deve aprender como a vida é dura, para saber valorizar o meu esforço para lhe sustentar". Também não tinha motorista para lhe levar e trazer da escola, recebia uma mesada para o "chapa" diário. Numa ocasião, quando a mãe decidiu passar a mandar o seu próprio motorista para buscar a filha, Basílio ameaçou abandonar a casa, pois sabia que era a coisa que mais deixava a esposa desesperada. Assim, fora de casa, Joana não era mais do que uma adolescente quase jovem, que apesar de ter um pai com uma frota automóvel na garagem, tinha que lutar diariamente com os outros moçambicanos, por um espaço no "chapa" da vida.

V

Fumo é o pai de Basílio. Sem que se apercebesse, o tempo tinha passado por si, e agora já não tinha forças para trabalhar

na machamba. Foi a cidade de Maputo para viver com o filho, na esperança de que ele passasse a tomar conta de si, como ele tinha tomado conta quando o filho era apenas uma criança. Entretanto, ao chegar a casa do filho e manifestar a sua intenção, foi informado que na cidade a vida era muito cara e que ele teria que trabalhar para trazer algum sustento para casa.

O seu filho tinha uma casa enorme, com tantos quartos que Fumo até perdera a conta, mas o lugar que lhe foi reservado, foi uma dependência, no fundo do quintal, onde cabia pouco mais que a própria cama, a casa de banho estava a 100 metros da dependência, pelo que, para fazer uso da mesma, tinha que fazer uma pequena incursão pelo quintal, cheio de cães que mais pareciam lobos, e o deixavam aterrorizado.

Mas nem tudo eram espinhos para Fumo, afinal ele sempre podia sentar-se a mesa para tomar as refeições com a família.

Desde que não houvesse visitas e deixasse os sapatos na porta da cozinha, quando entrasse. Todos os dias, Fumo dava graças a Deus por a mãe de Basílio não estar viva para assistir a tudo aquilo.

VI

Júlio nasceu no norte de Moçambique, e vivia numa aldeia pacata, até ser capturado pelos, então chamados, bandos armados. Depois de muito tempo, que nem ele sabe quanto, durante o qual ele era mais um elemento do bando, Júlio foi resgatado pelas forças governamentais, e passou a fazer parte

das suas fileiras. Mas para Júlio, pertencer aos bandos armados ou as forças governamentais era igual, até o tipo de arma e de ameaças era igual, a única diferença era o uniforme.

Não faziam machamba nem tinham dinheiro, mas comiam todos os dias; quando entrassem numa aldeia, todos se escondiam; dormiam no mato e ficavam dias sem se lavar; recebiam ordens de um chefe invisível, que cumpriam sem questionar.

Tudo que tinha que saber era caminhar escondido e carregar no gatilho para se manter vivo.

Agora, ali na cidade como desmobilizado, tinha que trabalhar para ter dinheiro para comprar comida e se manter vivo. Durante a guerra, o único ofício que aprendeu foi disparar e intimidar as pessoas, lá na aldeia onde foi raptado, a sua tarefa era apascentar o gado, agora, nem uma nem outra coisa eram úteis na cidade grande.

***

- José, eu soube que estão a admitir jovens numa empresa de segurança – informou o pai

– e os requisitos são todos os que preenches: idade entre 25 e 30 anos, 12ª classe e fluência em língua portuguesa.

- Mas papá quer que eu trabalhe como segurança mesmo?

–Questionou José, desapontado

- Não tem nada a ver com o meu desejo, é o que há, o que vamos fazer? - Respondeu o pai.

O Sr. Cossa criara os seus seis filhos sozinho e sempre se esforçara para lhes dar o melhor. Tinha que pagar a escola de todos eles, e José, sendo o mais velho, teria de ser o sacrificado, tanto mais que a faculdade é mais cara do que as escolas do ensino médio que os outros cinco frequentavam.

Em nenhum momento o Sr. Cossa tinha imaginado um dos seus filhos a trabalhar como agente de segurança.

- José, talvez se trabalhares por algum tempo como agente de segurança, conseguirás juntar algum para pagar a faculdade – consolou o pai.

- Será que o salário de segurança dá para isso? – Questionou

José.

- Só saberás se experimentares – respondeu o Sr. Cossa, que no fundo sabia que não seria suficiente.

- Está bem, amanhã vou lá deixar os meus papéis – respondeu José, resignado. Não era o que tinha sonhado mas era melhor naquilo que nada.

***

Com o fim da guerra Júlio, tinha ido parar a Maputo com o resto do batalhão e se apaixonara pela cidade à primeira vista. Como não tinha nem amigos nem familiares na cidade, fixou residência numa palhota abandonada nas imediações do quartel e jurou a si mesmo que nunca voltaria a sua aldeia pacata. Porque precisava comer para sobreviver, foi ter com o monhé da baixa, aquele que era o dono do armazém onde costumavam levantar comida para abastecer o quartel.

Ao encontrar o dono da loja disse:

- Senhor Issufo, estava perguntar se está precisar pessoas para trabalhar?

- O que você sabe fazer, além de ser militar? – Perguntou o monhé em tom de brincadeira.

- Posso ajudar carregar sacos senhor. Tenho muita força – respondeu Júlio tentando ser convincente.

Júlio era um homem de estatura muito baixa, muito abaixo da média, e com o corpo franzino. Quem não olhasse bem, confundiria com uma criança à caminho da adolescência.

- Senhor, não vale a pena olhar para o meu corpo, tenho mais

força que um leão. – Continuou Júlio

- Está bem. Então vamos ver se és forte mesmo. De dia trabalhas a carregar sacos e de noite fazes turno com o outro jovem, a guardar o armazém.

Júlio achou que era muito trabalho, mas aceitou porque, afinal,

ele é que tinha ido se oferecer para trabalhar, e achava que a compensação, de 800 Meticais, que iria receber, seria suficiente para se manter vivo.

***

- Papá, falei com um amigo meu hoje. Ele diz que lá no prédio dele estão a precisar de um guarda – informou Basílio à Fumo – Eu disse-lhe que tenho a pessoa ideal para ele. Amanhã levo-te lá.

A esposa e o pai de Basílio ficaram boquiabertos de espanto.

- Mas o que é que eu, com a minha idade, vou conseguir guardar? – questionou Fumo.

- Não se preocupe papá, só tem que sentar na entrada do prédio e conversar com as pessoas que entram e saem – disse Basílio – se sentir sono também pode dormir na sua cadeira, ninguém vai lhe incomodar.

Fumo não gostou do que ouviu. Ele tinha vindo à cidade para descansar os ossos que já rangiam de cansaço pela idade e o seu filho, por causa da sua avareza ia lhe pôr a trabalhar de novo.

Apesar de seu desgosto nada disse, e Basílio falou de novo:

- Agora vá dormir que amanhã o dia vai ser longo. Fumo obedeceu, sem dizer uma palavra.

- Mas vais mesmo pôr o teu pai a trabalhar como guarda? – Questionou a esposa de Basílio, não conseguindo acreditar que o esposo seria capaz de chegar a tanto.

- Claro que vou, o velho tem que justificar a comida que come e contribuir para as despesas – respondeu ele friamente.

- Mas nós temos mais que o suficiente para garantir o sustento de todos que vivem nesta casa e mais vinte pessoas – retorquiu a mulher, irritada.

- É para ele saber valorizar cada coisa que tem nesta casa –

disse Basílio.

A esposa calou-se e retirou-se para o quarto, não suportando continuar aquela desagradável conversa.